VOTE NO SOCIALISMO

VOTE PSTU 16

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 410 ▸ De 09 a 22 de setembro de 2010 ▸ Ano 14

R$ 2

REALITY SHOW OU TRAGÉDIA ANUNCIADA?

» Trabalhadores das minas chilenas já denunciavam condições de trabalho

[pág 13]

O BEM AMADO: SÁTIRA DA POLÍTICA NACIONAL

[pág 11]

OS HAITIANOS JÁ NÃO ESPERAM

» Em viagem ao Haiti, dirigente do PSTU relata o drama de um pais destruído pelo terremoto

[pags 14 e 15]

CONCENTRAÇÃO... – As aquisições de empresas brasileiras por grupos estrangeiros aumentaram em mais de duas vezes. O dado é da consultoria KPMG do Brasil.

...DE CAPITAL – Entre abril e junho, ocorreram 56 aquisições. As aquisições estrangeiras atingiram seu maior volume desde 1994, quando foi realizado o primeiro levantamento.

CHAPPATTE

TORTURA NO HAITI

Um menor de idade foi achado em uma base da ONU no Haiti. O corpo de Gérald Jean Gilles, de 16 anos, exibia sinais de torturas. Gérald foi acusado de roubar 200 dólares de soldados nepaleses das tropas da ONU. O assassinato é um golpe forte contra as tropas da ONU no país. Jovens dos bairros populares organizaram várias atividades de protesto contra a Minustah. No dia 1º, o general Floriano Peixoto Viera, ex-comandante da missão da ONU, foi condecorado pelo Departamento de Defesa dos EUA. O imperialismo é muito grato aos serviços do governo brasileiro.

PÉROLA

Agora é só acabar a Lei Maria da Penha pra eu voltar a ser feliz

RAFINHA BASTOS, "humorista" do CQC, em comentário machista sobre fim da censura do humor contra políticos (Twitter, 30/8)

CONTA ATRASADA

O Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgou na semana passada uma pesquisa indicando que a maior parte das famílias brasileiras diz não ter condições de pagar contas atrasadas. Das 3.810 famílias entrevistadas em 214 cidades do país, 37,80% responderam que não terão como quitar essas dívidas. Para outras 36,74%, as contas vencidas poderão ser pagas de forma parcial. E 22,81% consideram que vão pagar integralmente as contas em atraso.

NOVA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

De forma reservada, o governo federal prepara uma nova proposta de reforma da Previdência. O projeto será apresentado por Dilma Rousseff, caso seja eleita. As mudanças na Previdência só valeriam para os novos trabalhadores, tanto os da iniciativa privada (INSS) como os do setor público. Uma das propostas é que os futuros trabalhadores tenham que cumprir um requisito principal: a soma da idade e do tempo de contribuição deve alcançar 105 anos, no caso do homem, e 95, no caso da mulher. Isso, na prática, resultaria em nova idade mínima de aposentadoria.

AFASTAMENTO NO IBAMA

Dois funcionários do Ibama de São Paulo foram afastados de suas funções depois que aplicaram uma multa de R$ 10 milhões ao porto de Santos, no litoral paulista, por falta de licença ambiental. No entanto, a multa e a interdição foram canceladas após um telefonema. Dois dias depois, os fiscais Carlos Daniel Toni e Antonio de Paula foram afastados. O caso é um tipo tráfico de influência. O Ministério Público Federal está investigando.

Porto de Santos

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265, Saúde - São Paulo - SP
CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary
EDITOR
Eduardo Almeida Neto
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO
Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva
DIAGRAMAÇÃO
Victor "Bud"
IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356
ASSINATURAS
(11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - R Dr. Rocha Cavalcante, 556 - A
Vergel - (82) 3032 5927
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua São Paulo, 300 - Pacoval (prox. CIOSP). Tel (96) 3224-3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237 nº 440, Qd- 106, Lt-28, Casa 01, Setor Leste Universitário
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. Laudelino Barcelos, 83 - Vila Jacy. Telefone: (67) 3356.7229 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 20, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Avenida Sérgio Guerra, 311 - 1º Andar - Sala 01. Bairro: Bancários (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Edifício Tijucas - Avenida Luiz Xavier, 68, sala 608, Centro - Curitiba - PR, cep - 80020-020
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

JUAZEIRO DO NORTE - Rua São Miguel, 45. Bairro São Miguel

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Barros Júnior, 546 Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Rua 2, nº 153 - BNH - João Bonitoo (24) 2452 4530
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neume Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166
santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183
V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho
edcosta16@itelefonica.com.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Rua Harry Simonsen 134 - (Travessa Monteiro Lobato) – Centro
guarulhos@pstu.org.br
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Elíseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186*
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

Um voto socialista para reforçar a luta

Dois fatos deveriam servir para alertar os trabalhadores do risco que estão correndo. O primeiro é amplamente conhecido de todos: as pesquisas indicam uma grande vantagem para Dilma Rousseff, com provável vitória no primeiro turno. O segundo foi muito menos divulgado: assim que soube das novas pesquisas, o grupo que já está esboçando o novo governo petista começou a elaborar mais uma reforma da Previdência Social.

Aparentemente, trata-se de uma das primeiras medidas do provável governo Dilma. Vem aí mais uma reforma para atacar as aposentadorias dos trabalhadores. Evidentemente, trata-se de algo que viria também em um governo de José Serra. Sobre isso - como em tantos outros aspectos - não existem diferenças entre Dilma e Serra. Tampouco existe diferença com Marina Silva (PV), que elogia as posturas de Lula e FHC sobre o tema.

Mas é simbólico que Dilma, que promete simplesmente "acabar com a miséria" no país, esteja se preparando para atacar os aposentados. Trata-se de um dos setores mais empobrecidos pelos planos econômicos neoliberais, implementados por FHC e Lula. A explicação é simples, é preciso reduzir os gastos do estado para concentrar o dinheiro nas empresas em crise.

A democracia dos ricos é assim: engana-se o povo prometendo maravilhas. Os marqueteiros promovem estudos para saber o que o povo quer ouvir. Os candidatos adaptam o discurso a essas propostas. Ganham as eleições sem nenhum compromisso com as promessas eleitorais.

As grandes empresas pagam as campanhas caríssimas dos candidatos majoritários. Depois cobram a fatura dos governantes eleitos. Essa é a democracia que temos: Dilma, Serra e Marina estão de acordo com a nova reforma da Previdência, porque esse é o plano das empresas que financiam suas campanhas. Mas em nenhum momento esse tema surgiu no programa de qualquer um dos três. Ao contrário, são prometidas as maravilhas que os eleitores querem ouvir.

> Para nós, as eleições servem para divulgar um programa socialista e fortalecer a luta dos trabalhadores

Para ser rigoroso, o único programa eleitoral que faz essa denúncia é o de Zé Maria. São mostrados com clareza os ataques de FHC e Collor aos aposentados, que foram mantidos por Lula. E anuncia a reforma proposta por Dilma.

Isso é importante porque mesmo os programas da oposição de esquerda têm evitado criticar diretamente Lula, com medo de perder votos. O PSTU não se cala: critica diretamente o governo e os planos de Dilma.

Os trabalhadores e jovens devem tirar todas as consequências desse episódio. Os que têm esperanças em Lula e Dilma devem saber que estão a ponto de votar em uma candidata que vai atacar os aposentados. E que cada voto depositado na urna a favor de Dilma fortalecerá esse ataque.

Os que já fizeram sua experiência com o governo e se mantêm na oposição de esquerda devem também tirar suas conclusões. Por que o programa do PSTU é o único a ir diretamente contra a oposição de direita e o governo Lula? A resposta é simples: para nós, as eleições servem para divulgar um programa socialista e fortalecer a luta dos trabalhadores. Não estamos dispostos a deixar de criticar Lula diretamente para ganhar mais uns votinhos.

Exatamente por isso, precisamos de seu apoio. Sem ele, nossa campanha e nossas lutas serão mais fracas.

Você sabe que não aceitamos o dinheiro das empresas ou da corrupção porque não queremos ter o rabo preso com os patrões.

Você sabe que apoiamos todas as lutas, como o plebiscito pelo limite da terra, a mobilização dos aposentados e as campanhas salariais atuais. Todas essas lutas já estiveram ou vão estar em nosso programa eleitoral de TV.

Você sabe que defendemos um programa socialista para o país.

Precisamos de seu voto. E propomos que você nos ajude, conseguindo cinco votos a mais entre seus amigos, colegas de trabalho e familiares. ■

FALA ZÉ MARIA

O que se esconde atrás do sigilo

ZÉ MARIA, candidato à Presidência pelo PSTU

José Serra está tentando fabricar uma crise política ao redor da violação do sigilo bancário e fiscal de sua filha e dele próprio. Como já percebe que poderá ser derrotada ainda no primeiro turno, a oposição de direita tenta uma manobra para virar a mesa.

É bem pouco provável que esse tipo de jogada surta o efeito desejado. A vantagem de Dilma é apenas a expressão eleitoral do apoio que o governo Lula conseguiu, baseado no crescimento econômico.

É provável que alguém do PT tenha usado o poder de Estado para pesquisar ilegalmente as contas de Serra. Mas um fato chama a atenção: por que ele não pode expor suas contas bancárias e fiscais? O que Serra tem a esconder?

Os parlamentares e governantes de um lado, e os donos das grandes empresas de outro, escondem as manobras da corrupção através desses sigilos.

Nós defendemos que a direção do PT e do PSDB tenha seus sigilos bancários e fiscais divulgados. Defendemos o mesmo procedimento para todos os que concorrem ou dirigem cargos públicos de todos os partidos.

É preciso prender os corruptos e corruptores, assim como expropriar seus bens. E, como medida preventiva, abrir os sigilos dos governantes, parlamentares e dirigentes de empresas privadas e públicas. ■

Petroleiros realizam paralisação vitoriosa

PARALISAÇÃO na Refinaria Presidente Bernardes - Cubatão (RPBC)

Categoria marca greve por tempo indeterminado para o dia 14. Federação Nacional dos Petroleiros chama a unificação.

AMÉRICO GOMES, do ILAESE

O segundo passo da campanha salarial dos petroleiros da Petrobras ocorreu unificado pela base, imposto pelos trabalhadores na porta das refinarias, dos terminais e dos prédios.

A empresa apresentou uma proposta ridícula de abono de 80% do salário e um aumento na remuneração variável de 2%. Isso em meio a um processo de capitalização que está rendendo muito dinheiro. A capitalização será a maior oferta de ações da história, cerca de R$ 126 bilhões.

Por isso, no dia 3 de setembro os petroleiros realizaram um dia nacional de greves e paralisações para conquistar o reajuste do ICV-Dieese e 10% de aumento real no salário base, além do pagamento dos 30% de periculosidade.

"O lucro da Petrobras no primeiro semestre de 2010 foi de 9 bilhões de dólares, igual ao lucro da Chevron, e maior do que o lucro da Conoco Phillips e da Royal Dutch Shell. Não há como aceitar um reajuste medíocre", afirma Dalton Santos, diretor do Sindipetro Alagoas e Sergipe.

PAROU GERAL

A força da greve foi muito grande, houve paralisação em todas as bases da Federação Nacional dos Petroleiros (FNP), com exceção do Sindipetro-RS.

No litoral paulista houve interrupção de operações durante oito horas. Na Refinaria Presidente Bernardes, a paralisação começou ainda de madrugada e contou com a adesão de mais de 90% dos petroleiros. No prédio do Edisa I, cerca de 90% dos trabalhadores também pararam. No Edisa II, o movimento conseguiu forte adesão. Nos terminais de Pilões e Alemoa, a participação dos trabalhadores foi maciça - todos aderiram à paralisação. Em São Sebastião, no Terminal Almirante Barroso (Tebar), houve adesão de 100% do turno e de 80% do ADM. Já na Unidade de Tratamento e Gás de Caraguatatuba (UTGCA), a mobilização foi feita por mais de 90% dos petroleiros. As plataformas de Merluza e Mexilhão também aderiram às paralisações. Os petroleiros embarcados não emitiram permissões de trabalho e adotaram operação padrão entre 7 e 15 horas. No final do dia, a categoria aprovou, por ampla maioria, greve por tempo indeterminado a partir do dia 14.

No Sindipetro Pará/Amazonas/Maranhão/Amapá foram realizadas paralisações de duas horas no prédio administrativo de Manaus. Uruco e a Transpetro de São Luís e Belém também pararam.

No Sindipetro de São José dos Campos foram realizadas paralisações de mais de uma hora. No Sindipetro do Rio de Janeiro, houve atos e mobilizações. Em Aracaju, os petroleiros realizaram uma manifestação em frente à sede da Petrobras pela manhã. Em Atalaia, a paralisação contou com a adesão de mais de 80% dos petroleiros diretos e terceirizados. Clarkson Araújo, dirigente do Sindipetro AL/SE, afirmou: "Se não houver aumento real até o dia 14, é greve".

Nas bases controladas pela Federação Única dos Petroleiros (FUP), ligada à CUT, também houve paralisações, com adesão de mais de 80% dos trabalhadores das bases operacionais, mas a maioria foi controlada pela direção.

TEATRO DA DIREÇÃO DA FUP

As direções da FUP e da Petrobras estão realizando um "teatrinho" bem conhecido pelos trabalhadores. Primeiro, a empresa apresenta uma proposta rebaixada, depois a FUP finge que faz mobilização.

Em seguida, a empresa apresenta uma nova proposta, com algumas migalhas a mais, aí a FUP indica a aceitação.

Só que os trabalhadores não estão aceitando mais este jogo. Os sindicatos da FNP vêm realizando mobilizações em suas bases desde o dia 25 de agosto. Paralisaram no dia 3 e agora lançaram proposta de greve no dia 14.

Os trabalhadores exigem que a FUP acabe com o "teatro" e se una à FNP em uma greve unificada.

Eles sabem que o caminho é um só: parar a produção. A empresa só vai se mexer e apresentar proposta decente quando sentir o prejuízo das bombas e tanques parados. ■

Capitalização da Petrobras: mais um roubo

O barril de petróleo que será usado para a capitalização da Petrobras vai custar em média 8,51 dólares. O valor foi comunicado no dia 2 de setembro pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega.

A União vai fazer uma concessão onerosa de 5 bilhões de barris de petróleo à Petrobras. Ao custo de 8,51 por barril, o valor total será de 42,55 bilhões de dólares.

Desde outubro de 2009, o preço médio do barril de petróleo bruto no mercado internacional é de 80 dólares. Ou seja, 5 bilhões de barris de petróleo valem 400 bilhões de dólares.

O governo Lula entrega uma riqueza que vale 400 bilhões de dólares por apenas 42,5 bilhões à Petrobras. O problema é que a empresa já não é mais totalmente estatal. Hoje a União tem somente 29% das ações preferenciais da companhia, ou seja, 71% das ações estão nas mãos de agentes privados. Destes, metade são acionistas da bolsa de Nova York. Na prática, o governo está entregando mais de 357 bilhões de dólares para os especuladores internacionais.

ASSEMBLEIA na GM, em São José dos Campos, no dia 10 de agosto

"Sem luta não há conquista"

Os metalúrgicos estão em campanha salarial. Em conjunto com a CSP-CONLUTAS, várias mobilizações já foram realizadas desde o mês de agosto. Para saber melhor como estão as dinâmicas das lutas, das negociações e da unidade entre os sindicatos, o Opinião Socialista entrevistou o metalúrgico Vivaldo Moreira Araújo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região

Por FELIX MANN

OPINIÃO SOCIALISTA - COMO ESTÃO AS NEGOCIAÇÕES?

Vivaldo - No setor de autopeças já tivemos alguns avanços nas cláusulas sociais. A mais importante é a ampliação da licença-maternidade para 180 dias. Ainda não avançamos nas cláusulas econômicas. O setor de fundição ofereceu 7%, mas recusamos imediatamente. Reajuste não é esmola!

E O SETOR DE MONTADORAS, COMO ESTÁ?

Está apostando na enrolação. Recusa-se a negociar as cláusulas sociais e não tem propostas salariais porque considera um absurdo nosso índice de 17,45%.

É verdade que o índice precisa ser atualizado, já que a inflação é menor do que projetamos. Mesmo assim, não é nenhum absurdo. Absurdo são os lucros que os patrões tiveram no governo Lula. Pior ainda é não repassarem aos [illegible] a parte.

COMO VOCÊS PRETENDEM RESOLVER ESSE IMPASSE?

Como sempre fizemos. Na luta!

Já realizamos assembleias em várias fábricas, decretamos avisos de greve, atrasamos a entrada, paralisamos a produção e agora vamos começar as greves, caso os patrões continuem intransigentes.

Paralisamos hoje [2/09] a GM por duas horas. Numa ação articulada, também pararam os trabalhadores de Campinas e os demais do nosso bloco de negociação. Nossa esperança é de que o pessoal de São Caetano do Sul tenha feito o mesmo.

> "Reajuste não é esmola!Nós vamos atrás do que é nosso!

> Os trabalhadores estão aprendendo que se os sindicatos são independentes dos patrões e do governo, suas chances de ganhar são maiores

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DA GM?

Eles ganharam muito dinheiro este ano. Em 2009, as montadoras bateram recordes de vendas, chegando a comercializar 3,1 milhões de veículos. Tudo com a generosa ajuda do governo Lula, que reduziu o IPI à custa do dinheiro público.

Em 2010, não foi diferente. A Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos), por exemplo, projetou um crescimento de 8,2% nas vendas. Algo em torno de 3,4 milhões de unidades. O índice que estamos pedindo é bastante modesto frente ao faturamento do setor.

Atrás apenas da Fiat e da Volkswagen, a GM é a terceira montadora do mercado. Não tem do que reclamar. Nós vamos atrás do que é nosso!

COMO ESTÁ A UNIDADE COM OS DEMAIS SINDICATOS?

Formamos há alguns anos um bloco com os companheiros de Limeira, da Baixada Santista e de Campinas. Graças à nossa unidade e às lutas, temos acumulado ao longo desses anos conquistas importantes.

O jornal Valor Econômico relatou há poucos dias que o nosso sindicato conquistou o melhor reajuste de 2009 no país. É verdade. Mas os demais sindicatos do nosso bloco também obtiveram essas conquistas. Infelizmente, só não avançamos mais porque a CUT dividiu o movimento para negociar mais à vontade com os patrões.

O QUE A CUT PRETENDE?

Hoje, é respeitar o calendário eleitoral. Não querem lutas durante o governo Lula para não comprometer sua popularidade ou a eleição da Dilma. Eles acreditam que é possível fechar bons acordos sem mobilizar os trabalhadores. E nós acreditamos no contrário. Com lutas, há conquistas!

QUAL O MOTIVO DISSO?

Eles perderam a independência de classe. Quando isso acontece, o sindicato vira parceiro do patrão. Em vez de construir as propostas para os trabalhadores, agem contra eles. Infelizmente, isso é o que acontece com a CUT. Por exemplo, em vez de construir o índice com os trabalhadores e mobilizá-los para conquistá-lo, esses sindicalistas definem o reajuste com os patrões e depois impõem o acordo aos trabalhadores.

COMO FAZEM ISSO?

Em geral, aprovam o acordo em assembleias esvaziadas para evitar o questionamento. Quero estar errado, mas tudo indica que eles farão isso no final de semana antes do feriado de 7 de setembro.

POR QUE ESSA INDEPENDÊNCIA DOS PATRÕES E DO GOVERNO É TÃO IMPORTANTE PARA UM SINDICATO?

Porque, quando um sindicato perde sua independência frente aos patrões e ao governo, também perde seus direitos e conquistas.

QUAL A SOLUÇÃO PARA ISSO?

Os trabalhadores de Taubaté mostraram o caminho em 2009. A CUT havia fechado um acordo rebaixado com os patrões e teve que rompê-lo depois que os trabalhadores da base se levantaram, motivados pelos bons resultados de São José dos Campos.

Mas as direções podem evitar esse desgaste na base. Por isso, achamos que os sindicatos de São Caetano do Sul, São Carlos e Tatuí deveriam romper com o bloco da CUT e se somarem conosco. Ainda que seja para mobilizarmos juntos as nossas bases. Mesmo porque esses sindicatos não estão defasados como a CUT, que acumula de 2009 para cá uma perda de 1,66% em relação ao nosso bloco.

O QUE VOCÊS ESPERAM DESSA CAMPANHA SALARIAL?

Que os trabalhadores tenham suas reivindicações atendidas. Eles estão aprendendo que, se os sindicatos são independentes dos patrões e do governo, suas chances de ganhar são maiores. ■

Candidatos operários no Pará...

CLEBER visitando operários em Belém

JEFERSON CHOMA, da redação

A campanha do PSTU no Pará vem ganhando maior apoio das bases operárias no estado. As candidaturas do operário da construção civil Cleber Rabelo ao governo do estado, e de Aílson Cunha, também operário da construção, a deputado federal, já conquistaram mais de 1.330 assinaturas dos operários do setor em apoio à candidatura.

A campanha de Cleber vem sendo totalmente construída no setor da construção civil, junto a seus trabalhadores. Nos finais de semana, acontecem reuniões nos bairros operários localizados em diversos municípios do Pará. Até o momento, já aconteceram reuniões em Benfica, Marituba, Santo Antônio do Tauá, Areião, Cametá, Abaetetuba e no distrito de Mosqueiro, região metropolitana de Belém, além do bairro operário do Paar, também na capital paraense.

Na maioria das vezes, os trabalhadores levam cartazes de Cleber para colarem em suas casas. A campanha do operário vem sendo, em sua maior parte, custeada pelos próprios trabalhadores, que entenderam perfeitamente a necessidade de uma campanha não financiada pelos patrões, mas sim pelos próprios trabalhadores.

"O trabalhador da construção civil sente orgulho de ver Cleber como candidato, porque ele é um de nós", disse Valdemir, servente de pedreiro, que vai apoiar a campanha e fazer uma reunião com Cleber e os moradores do seu bairro.

Todo esse apoio se reflete nas pesquisas de intenções de voto para o governo. Segundo a pesquisa Ibope encomendada pela TV Liberal, principal emissora do estado, Cleber aparece com 2% das intenções de votos, apesar de todo o boicote da grande mídia à campanha.

A popularidade de Cleber no setor operário vem crescendo a cada dia. Na última assembleia dos trabalhadores da construção civil, realizada no dia 2, Cleber saiu em passeata com eles até a Praça do Operário, onde foi ovacionado pela categoria. Essa assembleia marcou a vitória da categoria sobre a patronal com a conquista de um importante reajuste salarial.

Em Belém, mais vinte canteiros de obras já foram visitados por Cleber e Aílson. Um comitê operário se reúne todas as terças-feiras para discutir as tarefas da campanha. No dia 5, ocorreu o lançamento oficial da candidatura de Aílson na sede campestre do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Mais de 500 pessoas, incluindo operários e moradores da comunidade, estiveram presentes.

Outra candidatura operária importante é a do companheiro Paulo Braga ao Senado. Eletricitário da Eletronorte e principal figura pública da oposição urbanitária em Belém, Paulo tem sido bem recebido pelos operários do setor e aparece com 5% nas pesquisas de intenções de voto ao Senado. A campanha de Paulo Braga tem denunciado a tentativa de privatização da Cosanpa, a companhia de abastecimento de água do Pará, e a privatização da Celpa, Centrais Elétricas do Pará.

Abel Ribeiro, outro candidato do partido ao Senado, professor de sociologia de uma escola pública de Belém, aparece com 3% das intenções de voto e conta com o apoio de vários trabalhadores da educação. ■

...e também no Ceará

GONZAGA conversa com operários em Fortaleza

No Ceará, a candidatura do PSTU ao governo do estado está nas mãos de Gonzaga, diretor licenciado do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, e vem sendo realizada especialmente nos canteiros de obra, nas portas de fábrica das confecções femininas e nas garagens das empresas de transporte coletivo em Fortaleza.

Além da visita cotidiana nos locais de trabalho, o partido também vem realizando atividades nos bairros operários, como Granja Portugal, Jangurussu e Parque Dois Irmãos, com a participação crescente de trabalhadores da base das categorias.

Um dos pontos marcantes da campanha de Gonzaga até agora foi a defesa do fim do Ronda no Quarteirão, programa de segurança do atual governador. Foi investida uma fortuna em viaturas de luxo, fardamento de grife e prédios modernos, mas que não serviu em nada para diminuir os índices de violência no estado.

Gonzaga tem autoridade para questionar o programa. Um de seus filhos experimentou toda a truculência da polícia quando foi agredido pelos policiais do Ronda quando ia comprar pão.

Apesar do bloqueio da grande imprensa, Gonzaga pontuou em todas as pesquisas eleitorais feitas até o momento no estado. ■

Sergipe: PSTU, uma alternativa de esquerda

Pesquisas apontam Vera Lúcia como terceira na disputa pelo governo do estado, atrás apenas dos candidatos do PT e do DEM

A agenda de atividades dos candidatos e ativistas do partido está lotada. Panfletagens, passeatas, entrevistas na capital e no interior do estado. Por onde passa, Vera Lúcia e os demais candidatos são reconhecidos, cumprimentados, elogiados e cobrados pelos sergipanos. Um povo que anda com medo da volta de João Alves (DEM), que já foi prefeito biônico e tenta ser governador pela quarta vez. Essa é a principal explicação para os resultados das pesquisas mais recentes, que apontam a possibilidade de vitória de Marcelo Déda (PT), atual governador, ainda no primeiro turno.

Mesmo com esse cenário, o PSTU aparece na terceira colocação. Vera Lúcia tem 2,4% dos votos válidos, de acordo com o instituto Dataform. Com a margem de erro, poderia chegar aos 4,4%. "O número de pessoas simpáticas ao que o nosso partido defende certamente é bem maior. Mas a pressão pelo 'voto válido' pesa muito", avalia Toeta, operário da Petrobras e candidato a deputado estadual.

BLOQUEIO DA MÍDIA

Os veículos de comunicação não podem esconder o peso que o PSTU tem no estado. O semanário Cinform, um dos principais jornais impressos sergipanos, estampou a imagem de Vera Lúcia em suas páginas três vezes em um mês. Ao divulgar o resultado da pesquisa Ibope, na qual Vera também aparece na terceira posi[illegible] Rede Globo não teve como não citar a candidata do PSTU.

Porém, as concessões acabam por aí. Tanto a Record quanto a Globo se recusam a chamar a candidata que defende abertamente um governo dos trabalhadores e socialista. "Isso prova que estas eleições são um jogo da burguesia. Elas não são democráticas. A mídia burguesa decide quem pode e quem não pode governar", denuncia Vera Lúcia. ■

Contra boicote da mídia, debate vai reunir candidatos da esquerda

Jornal Brasil de Fato vai mediar debate entre os candidatos que vai ocorrer no próximo dia 21 com transmissão aberta pela internet

DA REDAÇÃO*

Representantes do PCB, PCO e PSTU se reuniram no dia 2 de setembro na sede do jornal Brasil de Fato, em São Paulo, para discutir a realização de um debate entre os candidatos da esquerda à Presidência.

O objetivo principal do debate é denunciar o veto da grande imprensa às candidaturas da esquerda, ao mesmo tempo em que impõe a falsa polarização entre a candidata do PT, Dilma Rousseff, e José Serra, do PSDB.

O convite à reunião foi enviado também ao PSOL, mas o partido não enviou representante e até o momento do fechamento desta edição não havia confirmado a presença de Plínio de Arruda Sampaio no debate.

Estiveram presentes os candidatos Ivan Pinheiro (PCB) e Rui Pimenta (PCO), além de Eduardo Almeida, da direção nacional do PSTU, representando a campanha de Zé Maria. O editor-chefe do Brasil de Fato, Nilton Viana, ficou responsável por indicar um mediador para o debate.

FURANDO O BLOQUEIO DA MÍDIA

A ideia é realizar um amplo debate, com transmissão em vídeo pela internet num "pool" de sites, envolvendo não só os partidos já citados e o Brasil de Fato, mas também os demais veículos da imprensa alternativa, sindicatos e entidades dos movimentos sociais e populares.

O debate deve ser realizado no próximo dia 21 de setembro, terça-feira, e será aberto à participação de jornalistas da grande imprensa, que poderão fazer perguntas aos candidatos. Internautas também poderão enviar questões para serem respondidas pelos debatedores.

Uma comissão formada pelos representantes dos partidos presentes na reunião fará uma nota oficial a ser divulgada amplamente. Essa comissão também tem a responsabilidade de definir os detalhes do debate.

PSDB não consegue censurar programa do PSTU

No dia 1° de setembro, o Tribunal Superior Eleitoral negou o pedido de direito de resposta realizado pela candidatura de José Serra contra o PSTU. A coligação encabeçada pelo PSDB entrou na Justiça contra o programa eleitoral de Zé Maria sobre a Previdência Social, exibido no dia 24 de agosto.

O programa trazia a cena em que o então presidente Fernando Henrique Cardoso chamou os aposentados de "vagabundos", ao criticar os trabalhadores que, na visão dele, se aposentam cedo demais. Na época, o discurso de FHC provocou a indignação dos aposentados. O programa também criticou o governo Lula, que implementou uma nova reforma neoliberal na Previdência e manteve o fator previdenciário criado pelo governo de FHC.

A campanha tucana alegou que o PSTU havia "distorcido" a fala do ex-presidente, descontextualizando seu discurso. O TSE, porém, por cinco votos a dois, negou o pedido do PSDB e reconheceu que não houve qualquer tipo de montagem na fala de FHC exibida pelo programa.

O relator da representação, o ministro Joelson Dias, entendeu que a citação feita pelo PSTU é apenas a reprodução do que foi veiculado pela imprensa.

"A crítica política é ato legítimo e até esperado pelos candidatos em debate eleitoral. Houve legítima divulgação de notícias amplamente divulgadas pela imprensa", disse o ministro.

Zé Maria reafirmou o programa e disse que FHC realmente chamou os aposentados de vagabundos para justificar a reforma da Previdência. "Depois disso, ele (FHC) criou o fator previdenciário, o que tem prejudicado milhões de trabalhadores em todo o país", disse o candidato.

"Os dois mandatos de FHC significaram perdas de direitos para o conjunto dos trabalhadores em geral, e para os aposentados em particular. Infelizmente, Lula continuou a mesma política. Agora que estamos denunciando isso, o PSDB quer calar o PSTU", concluiu.

Programa contra a opressão gera repercussão

O programa eleitoral de TV contra a opressão sexual e o machismo, que foi ao ar no dia 26, teve forte repercussão na grande imprensa. Aberto pela candidata a vice-presidente, Cláudia Durans, fez críticas à violência contra as mulheres, estabelecendo ligação entre a opressão machista e o capitalismo.

O programa denunciou os crimes machistas cometidos contra Eliza Samudio, ex-amante do goleiro Bruno, e Mércia Nakashima. "As mortes de Eliza e Mércia são um retrato da impunidade. A Lei Maria da Penha não protegeu Elisa, como não protege as mulheres trabalhadoras, negras e pobres. O racismo ainda é forte no Brasil", afirmou Cláudia.

Em seguida, Zé Maria lembrou que "a luta contra todas as formas de opressão é parte fundamental do programa socialista". Enquanto isso, apareciam no vídeo cartazes com frases como "não há capitalismo sem homofobia" e fotos de casais homossexuais se beijando.

O programa foi bastante comentado por vários sites e colunistas do país. O colunista do jornal "O Globo" Artur Xexéu, depois de elogiar o programa, comentou em seu blog: "bem que Glória Perez tentou, mas a primazia de fazer a Globo carioca exibir um beijo gay no horário nobre será para sempre do PSTU".

BEIJO GAY no programa de TV gerou muitos comentários

Zé Maria divulga plebiscito sobre a terra na TV

Mais uma vez, o PSTU colocou seu programa a serviço das lutas populares do país. Na última semana, foi ao ar mais um programa de Zé Maria promovendo o plebiscito da terra, cedendo o pequeno espaço do partido para divulgar a consulta que ocorreu em todo o país no dia 7 de setembro.

"Estamos ao lado do MST e do MTL, que lutam pela reforma agrária. É preciso acabar com o latifúndio estatizando as grandes propriedades rurais. Defendemos uma reforma agrária sob o controle dos trabalhadores para diminuir o preço dos alimentos e acabar com a violência no campo", disse o candidato.

O programa repercutiu no Twitter. O chargista Carlos Latuff registrou mais um ponto para o PSTU em sua conta. "Mais um ponto para o PSTU por abrir espaço em seu horário gratuito na TV para falar do Plebiscito Popular pelo Limite da Terra", escreveu. ■

PROGRAMA que defendeu a reforma agrária e fez um chamado ao plebiscito popular

Vote pelo socialismo! Vote no PSTU!

A corrupção escancarada e os constantes ataques aos direitos dos trabalhadores deixaram a população trabalhadora desconfiada dos políticos profissionais e dos grandes partidos. Mas eles continuam dominantes e seguirão reinando enquanto os trabalhadores não construírem sua alternativa política.

Nestas páginas do Opinião, vamos mostrar que nem todos os partidos são iguais. Nas reportagens abaixo, você verá que o PSTU é diferente porque prioriza a luta direta dos trabalhadores e da juventude e não é parte do vale-tudo eleitoral. A campanha das candidaturas operárias na região do Vale do Paraíba, em São Paulo, é um exemplo de como utilizar as eleições como ponto de apoio das lutas sociais. No setor de petroleiros, nossos candidatos estão em piquetes e mobilizações para reforçar a campanha salarial da categoria. Nossos candidatos são sindicalistas e jovens que sempre lutaram em defesa dos trabalhadores. Suas campanhas são sustentadas apenas pelo esforço de cada um de nossos apoiadores. Trabalhadores que muitas vezes fazem de suas casas comitês de campanha. Queremos mostrar que o voto nos candidatos do partido significa o fortalecimento de uma estratégia revolucionária de transformação da sociedade.

DIEGO CRUZ, direto de São José dos Campos (SP)

Na grande maioria das cidades, a campanha eleitoral tem sido apática e fria. Mas em São José dos Campos (SP) existe uma grande movimentação nas fábricas, nos bairros operários e no Pinheirinho, uma ocupação que reúne em torno de 1.800 famílias, ou 9.600 pessoas.

Nessas regiões, as candidaturas operárias do PSTU centram suas campanhas, com Toninho Ferreira candidato a deputado federal, o metalúrgico da GM Renato Bento, o Renatão, candidato a deputado a estadual, assim como Valdir, ou simplesmente Marrom.

"Muita gente vem declarar apoio. Muitas pessoas vêm buscar material, como banners, cavaletes e panfletos. Tem trabalhador da construção civil que leva o cavalete para colocar em frente à obra. Isso é um ótimo indício. Mostra que as pessoas estão assumindo a campanha", conta Toninho.

"Nossa campanha tem força nas fábricas. Vamos quase todos os dias. Amanhã vamos visitar fábricas de químicos e vidreiros", afirma Renatão, que já realizou muitas visitas aos operários da GM.

A campanha das candidaturas operárias na região do Vale do Paraíba é um exemplo de como utilizar as eleições como apoio às lutas sociais. Também mostra que é possível, com o apoio dos trabalhadores, furar o bloqueio da mídia e das campanhas milionárias da burguesia e impactar a cidade.

No dia 4, por exemplo, uma carreata das candidaturas do PSTU na região reuniu 103 carros, aproximadamente 30 motocicletas e um número incontável de bicicletas. "Parecia um vespeiro. Não consegui nem encontrar minha esposa no meio da multidão", relata Toninho.

A carreata saiu do Pinheirinho e passou pelos bairros Campo dos Alemães, Colonial, União, Morumbi, Bosque dos Ipês, Paraíso, Satélite, Bosque dos Eucaliptos, Dom Pedro, Cruzeiro do Sul e Imperial, entre outros da zona sul de São José. "Estava todo mundo de vermelho, com a camiseta do PSTU, muitas bandeiras. Foi uma festa do partido. A militância ficou muito animada. Foi uma grande demonstração de força do PSTU na região sul", diz Toninho.

UMA CAMPANHA POPULAR

"Ô Marrom, tem uma camiseta aí?", pergunta um morador do Pinheirinho, uma das maiores ocupações urbanas da América Latina, ao se aproximar de Valdir Martins, candidato do PSTU a deputado estadual e uma das principais lideranças do movimento por moradia na região. "Tem não rapaz, acabou", responde Marrom, "mas daqui a pouco chega mais". O repórter questiona Marrom sobre a qual camiseta o morador se referia. "A camiseta do PSTU, ué, da campanha, que estamos vendendo a R$ 7".

O diálogo expressa a marca da campanha de Marrom no Pinheirinho: o apoio amplo e espontâneo dos moradores. "Se antes precisávamos convencer as pessoas politicamente a apoiar nossas campanhas, agora elas vêm aqui espontaneamente, pegam materiais, se incorporam às equipes", explica o candidato.

Em um dos três comitês de campanha de Marrom no Pinheirinho, o candidato aponta um mapa da cidade pregado na parede, com alguns bairros circulados em vermelho. São as regiões que já foram "cobertas" pela campanha, impulsionada por três equipes que somam 100 pessoas. Na campanha de Marrom, se o apoio vem espontaneamente, a ação se dá de forma planejada. Assim como a própria organização dos moradores da ocupação. Cada equipe é responsável por uma atividade: panfletar, empunhar bandeiras ou simplesmente conversar com as pessoas.

É só caminhar pelo Pinheirinho para comprovar o apoio da população. Pelas ruas poeirentas castigadas pela estiagem, alguns poucos cartazes impressos do candidato disputam espaço com faixas improvisadas pelos próprios moradores. Grande parte escrita à mão, sobre uma cartolina, alguns até com erros de português. Demonstração de que a falta de moradia digna ou educação não tirou dessa gente a vontade de lutar. E é justamente isso o que vem impulsionando a candidatura de Marrom. "Estamos tendo uma importante vitória com a regularização da ocupação, depois desses anos de luta, e as pessoas viram que é só com luta que conquistamos direitos, como a moradia", explica.

Marrom se refere ao processo de regularização que os moradores do Pinheirinho estão conquistando em nível municipal, estadual e federal. Recentemente, a prefeitura realizou o cadastramento dos moradores. Foi a primeira vez que o estado não esteve na ocupação para reprimir ou intimidar.

FEIRAS

Nas visitas às feiras da cidade, os ativistas da campanha "varrem" os locais com 50 ou 60 pessoas, que conversam com a população e entregam os materiais de campanha. "Quando vamos a uma feira popular, se forma uma roda de pessoas para conversar com a gente. Tem até feirante que pede cartaz para colocar na sua casa", conta Toninho.

Muitos operários que moram na ocupação levam materiais como cavaletes da campanha, com as fotos e os números de Marrom e Toninho. Armam o cavalete em frente à fábrica quando entram e guardam-no no final do expediente, para repetir o feito no outro dia.

DENIS

CARREATA de 103 carros, 30 motos e mais uma infinidade de bicicletas partindo do Pinheirinho

DIEGO CRUZ

CAMPANHA espontânea em uma casa no Pinheirinho

São Paulo: organizando a campanha nos bairros

Em São Paulo, a campanha dos candidatos do PSTU está crescendo e conquistando o apoio de muitos ativistas. É o caso de João Zafalão, diretor licenciado da Apeoesp (sindicato dos professores do estado) e candidato a deputado federal.

Na zona leste da capital, em São Miguel Paulista, a campanha de Zafalão já conquistou 150 apoiadores, na maioria professores da rede pública de ensino. A campanha tem feito várias reuniões com professores nas escolas, que reúnem entre 20 e 30 pessoas, panfletagens e atos de lançamento. "Fizemos boa reuniões nas escolas e visitamos muitas casas, sempre acompanhados por algum apoiador que mora na região", conta Zafalão.

Lourdes Quadros, professora da zona sul da capital e candidata a deputada estadual, já organizou uma lista com 130 apoiadores. Como dirigente do Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo (Sinpeem), Lourdes é bastante reconhecida na categoria.

Sua campanha organiza palestras em escolas, reuniões com professores e panfletagens em feiras populares do bairro Jardim Míriam, mas também já chegou a algumas escolas da zona leste de São Paulo.

A candidata recorda que participou da mobilização da população por mais postos de saúde na região de Cidade Ademar, onde foi apresentada aos ativistas por um apoiador, e realizou uma reunião e panfletagem na favela Buraco do Sapo.

"Vários apoiadores da minha candidatura são professores e moradores da região, além de estudantes do grêmio. A gente se organiza fazendo reuniões nas casas dos apoiadores. Já fizemos encontros com cerca de 30 pessoas. Vamos fazer agora uma reunião com apoiadores na casa de um professor em Interlagos", relata Lourdes.

DIEGO CRUZ

MAPA dos bairros. Grifados são os bairros já visitados

'Os trabalhadores não rejeitam os candidatos ligados às suas lutas'

O Opinião conversou com Marcos Margarido, ativista petroleiro ligado à Federação Nacional de Petroleiros (FNP) e candidato a deputado estadual por São Paulo. A campanha de Margarido se concentra na categoria petroleira em Campinas (SP) e já organizou uma lista com 230 apoiadores.

COMO A CATEGORIA PETROLEIRA ESTÁ RECEBENDO SUA CAMPANHA?

Marcos Margarido - A categoria está recebendo muito bem a campanha, tanto os próprios quanto os terceirizados. Estamos fazendo duas discussões centrais com os trabalhadores, a primeira sobre a necessidade da volta do monopólio estatal do petróleo e de uma Petrobras 100% nacional para evitar que o petróleo continue sendo entregue às multinacionais pelo novo marco regulatório do governo Lula, o sistema de partilha. A outra é a necessidade de acabar com o sistema de terceirização no país para que os trabalhadores de uma mesma empresa tenham os mesmos salários e direitos e para que acabe a divisão imposta pelos patrões entre os trabalhadores, o que dificulta muito nossa luta.

HÁ UMA LISTA DE APOIADORES? COMO TEM SIDO A PARTICIPAÇÃO DOS ATIVISTAS?

Nas assembleias da Replan que aprovaram a paralisação de oito horas em 3 de setembro, passamos um manifesto de apoio à minha candidatura que obteve 230 assinaturas. Isso corresponde à metade dos que participaram das assembleias. Além disso, há apoio entre petroleiros do terminal de Barueri e da Baixada Santista. Muitos já estão pedindo "boca de urna" para fazer campanha entre amigos e familiares. Nos bairros operários de Cosmópolis, cidade onde vive a maioria dos trabalhadores terceirizados, também há bastante simpatia pela campanha.

QUAL É A RELAÇÃO COM A CAMPANHA SALARIAL DOS PETROLEIROS?

Nas assembleias de aprovação da pauta de reivindicação da categoria, há cerca de um mês, dizíamos que a campanha salarial e a luta direta dos trabalhadores deveriam ser as prioridades do sindicato e dos ativistas. Isso porque corríamos o risco de fazer uma campanha "meia boca" para que os dirigentes sindicais da FUP, atrelados ao governo Lula, fizessem a campanha eleitoral da Dilma. Por isso, com a realização de assembleias e da greve de oito horas, fomos para a porta da refinaria fazer piquete e, ao mesmo tempo, discutir com os petroleiros a necessidade de uma alternativa política. A compreensão dos trabalhadores foi muito grande, indicada pela grande adesão ao manifesto de apoio. É um sinal claro de que eles não rejeitam os candidatos ligados às suas lutas. Infelizmente, nenhum outro candidato participou dos piquetes e das mobilizações para reforçar a luta direta. Preferiram fazer campanha longe da luta. ■

Leia mais
Na página 16

MANIFESTAÇÃO contra a reforma da previdência em 2003

Uma nova reforma da Previdência?

DA REDAÇÃO

A Previdência pública é uma conquista e tem grande importância para os trabalhadores. Para comprovar isso, basta lembrar que o Regime Geral de Previdência Social abrange 22 milhões de aposentadorias e pensões em todo o país. Atualmente o sistema beneficia, direta ou indiretamente, cerca de 77 milhões de pessoas, ou mais de 45% da população.

Agora, em meio a uma campanha eleitoral tão fria, a Previdência é mais uma vez ameaçada.

Na campanha da TV e nos debates, pouco ou nada se fala de programa de governo, o que não significa que ele não exista. Uma reportagem publicada nesse dia 29 de agosto pelo jornal carioca O Globo causou polêmica ao relatar que a equipe econômica do Ministério da Fazenda trabalha numa proposta de reforma da Previdência a ser apresentada por um futuro governo Dilma.

RESSUSCITANDO A REFORMA

Segundo o jornal, a reforma que já foi seriamente cogitada pelo governo Lula há alguns anos, seria ressuscitada por um provável governo Dilma em 2011. A Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda já estaria sistematizando uma nova proposta para o governo levar ao Congresso.

Segundo a matéria, a proposta que estaria sendo desenhada na mesa de Nelson Barbosa, dirigente da secretaria, prevê uma nova regra draconiana, que estabelece que a soma do tempo de contribuição e da idade do assegurado deve atingir 105 para que ele se possa se aposentar (e 95 para as mulheres). Na prática essa regra estabeleceria a idade mínima para as novas aposentadorias, substituindo o atual fator previdenciário.

Ou seja, um jovem que começasse a trabalhar e contribuir com 18 anos, após 35 anos, não poderia se aposentar, pois a soma de sua idade (53) com o tempo de contribuição (35), somaria apenas 88. Ele teria que trabalhar até os 62,5 anos de idade, contribuindo o total de 42,5 anos. Seria o maior ataque aos trabalhadores e a Previdência desde a imposição do fator previdenciário.

UM PROGRAMA EM COMUM

Ainda segundo o jornal carioca, a campanha de Dilma teria a orientação de não tocar no assunto, a fim de evitar desgaste político. Ato contínuo, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, emitiu nota oficial negando qualquer movimentação do governo no sentido de formular uma nova reforma.

O presidente do PT, porém, Eduardo Dutra, declarou ao mesmo jornal que "essa proposta existe há muito tempo e continua em estudo". Já o senador Delcídio Amaral (PT-MS), vice-presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, afirmou à Agência Brasil que a Previdência precisa de uma "rearrumação". O líder da bancada do DEM na Câmara, Paulo Bornhausen, declarou também que "ninguém pode ser contra a reforma".

Fato é que esse é mais um dos pontos que PT, PSDB e DEM têm em comum e que, ganhe Serra ou Dilma, a reforma da Previdência estará na pauta do dia.

HISTÓRICO

A Previdência Social é uma conquista histórica das lutas dos trabalhadores. Mas ao longo das últimas décadas a Previdência pública tem sido alvo de intensos ataques dos governos neoliberais. O primeiro grande golpe veio em 1998, com a primeira reforma realizada por FHC. Mais ataques vieram com outra reforma, realizada por Lula em 2003.

O primeiro golpe atingiu os trabalhadores do setor privado com a mudança no chamado fator previdenciário. A segunda reforma golpeou os trabalhadores do setor público, reduzindo suas aposentadorias e beneficiando os fundos privados de pensão. Como se não bastasse, neste ano o governo Lula vetou o fim do fator previdenciário, medida aprovada pela Câmara e pelo Senado após diversas mobilizações dos aposentados.

Agora tucanos e petistas querem dar um golpe definitivo contra a Previdência pública, realizando uma terceira reforma.

Todas as reformas obedecem às recomendações do FMI, do Banco Mundial e dos capitalistas para acabar com a Previdência pública, em regime de repartição e solidária, e pretendem retroceder as condições de vida da classe trabalhadora à exploração do século 19. ■

O Bem Amado, sátira da política nacional

No cinema, Odorico Paraguaçu é 'talqualmente' os políticos das eleições 2010

BEATRIZ SANTANA, de São Paulo

Em pleno período eleitoral, entrou em cartaz nos cinemas brasileiros uma já conhecida sátira dos políticos do país. Baseado na obra de Dias Gomes, o filme "O Bem Amado", dirigido por Guel Arraes, conta a história de Odorico Paraguaçu, político conservador que assume a prefeitura da cidade de Sucupira em 1961. Uma história e uma cidade fictícias, baseadas em muitos elementos reais do Brasil.

A obra de Dias Gomes já havia sido transformada em novela, minissérie e peça teatral. Ao chegar às telas cinematográficas, a história busca se resumir e se atualizar, sem superar ou negar as versões anteriores.

ZECA DIABO, o matador de Sucupira

UM POLÍTICO PROFISSIONAL

Odorico tem como principal objetivo cumprir sua promessa de campanha de construir um cemitério na cidade. Após retirar verbas de áreas essenciais para a construção e de um superfaturamento 'necessário' para garantir o caixa dois de seu partido, o prefeito se depara com um novo dilema: ninguém morre na cidade. Como dois anos se passam e nenhum morto aparece para inaugurar a obra, o prefeito faz de tudo, desde importar um moribundo de outra cidade até trazer de volta um matador responsável pelo assassinato do ex-prefeito. Odorico chega a transformar o assassino em delegado da cidade!

A comédia é narrada pelo jornalista Neco, paralelamente à história política brasileira. Odorico assume o cargo na mesma data que o presidente Jânio Quadros. O narrador também traz aos espectadores a explicação sobre como a história de Odorico teria influenciado o golpe e a ditadura militar que se instalou no país.

Odorico é a caricatura do político brasileiro, incorporando desde as figuras dos anos 60, quando o personagem foi criado, até os não muito diferentes representantes atuais. Os comícios, as promessas, o jingle, os gestos, tudo parece, não por acaso, familiar ao espectador.

Os discursos verborrágicos característicos do personagem, com neologismos exagerados e alto poder de enrolação, trazem ao filme sua carga mais cômica. O secretário Dirceu Borboleta e as "Cajazeiras", três peruas amantes do prefeito, complementam o quadro satírico.

Vladimir de Castro, por sua vez, é uma oposição não menos corrompida e criticada pelo filme. Dirigente do jornal "A Trombeta", o jornalista e candidato concorrente mostra a princípio um discurso progressista. Aos poucos, seu comportamento vai mostrando que ele não é tão diferente de Odorico.

CARICATURA DA DEMOCRACIA DOS RICOS

Pode-se criticar o filme de Guel Arraes, entre outros motivos, por seus momentos cartunescos e exageros nos diálogos e montagens. Porém, isso se explica ao considerarmos o filme como uma caricatura do Brasil e de sua falsa democracia. Uma "democracia" onde, como diz o personagem de Vladimir, "ninguém vence eleição dizendo a verdade".

Talvez este seja o maior mérito do filme. Mostrar como funciona o jogo viciado das eleições burguesas, que favorece notórios picaretas e antigos corruptos envolvidos em famosas maracutaias.

Na vida real, a população é bombardeada pela falsa ideia de que o povo decide tudo com o voto, de que basta votar para se livrar da corrupção. Mas as regras da democracia dos ricos são viciadas e permitem a permanência no poder de muitos "Odoricos". Muitos deles têm suas campanhas apoiadas por uma imensa máquina eleitoral, financiada por grupos empresariais e banqueiros, que garante o clientelismo, o cabresto e as campanhas milionárias. Dessa forma, "Odoricos" como Fernando Collor (PTB), Paulo Maluf (PP), Joaquim Roriz (PMDB) e muitos outros picaretas conseguem se eleger.

Por outro lado, o filme expõe situações ridículas inerentes ao próprio sistema. É impossível ver as falcatruas realizadas em Sucupira e não se lembrar da grande estrela destas eleições em São Paulo, o palhaço Tiririca, cujo slogan "pior do que tá não fica" deve ajudar a eleger gente como Valdemar da Costa Neto, um dos principais envolvidos no mensalão.

Ao satirizar os políticos em geral, "O Bem Amado" conseguiu escapar da absurda censura imposta pela Justiça aos humoristas do país, que estavam proibidos de ridicularizar os candidatos das eleições de outubro. Assim, a população foi impedida de se deliciar ao ver aqueles homens de terno e gravata constrangidos, numa espécie de saudável vingança.

O artigo na Lei das Eleições, que restringia a piada contra os políticos, caiu no último dia 26 de agosto, mas será que isso garante a democracia neste pleito?

Neste jogo de cartas marcadas, só a burguesia continua gargalhando. ■

Movimento vai realizar jornada de lutas pela moradia

Protesto apoiado pela CSP – Conlutas será realizado entre os dias 20 e 23

O movimento popular prepara uma ofensiva contra a especulação imobiliária e as ações de despejos que estão se intensificando no país. A Resistência Urbana - Frente Nacional de Movimentos vai realizar entre os dias 20 e 23 uma jornada de lutas com manifestações em 12 estados nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste.

A jornada defende a garantia de moradia digna para todos, sem despejos e remoções; o combate à repressão e à criminalização da pobreza; uma política de desapropriações de imóveis vazios e medidas de combate à especulação imobiliária, além de exigir a construção de moradias populares e uma reforma urbana voltada aos trabalhadores.

Atualmente o setor imobiliário é um dos que têm maior movimentação financeira no país. Grandes empreendimentos e obras públicas estão sendo construídos em larga escala, principalmente nas metrópoles.

Para realizar tais obras, as empreiteiras e construtoras, em conjunto com o governo federal, retiram comunidades inteiras de seu local de origem e as enviam para regiões cada vez mais afastadas dos centros urbanos. O direito de ter um espaço na cidade é privatizado e elitizado, aumentando a desigualdade social no Brasil. Essa é verdadeira face da política federal de habitação, que não atende a população de baixa renda.

Como se não bastasse, as ações de violência e despejos contra milhares de famílias que lutam pelo direito à moradia se tornaram uma triste rotina. Tais ações são patrocinadas pelos governos federal, estaduais e municipais com o único objetivo de beneficiar a especulação imobiliária.

Este cenário deve se agravar nos próximos anos, com a preparação para a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2012. As cidades-sedes irão passar por um "embelezamento" voltado ao turismo, contra o direito elementar à vida e à moradia. Serão construídos estádios, centros esportivos e avenidas. Aeroportos serão ampliados. Tudo isso será viabilizado a base

Tudo isso será viabilizado através de muitos despejos e da criminalização da pobreza. Foi isso o que aconteceu com o Pan Americano, no Rio de Janeiro, onde se criou a imagem de uma cidade em que não se viam favelas e nem violência.

A Jornada de Lutas contra Despejos é uma mobilização para garantir que a cidade seja um espaço igualitário, comum a todos. A CSP-Conlutas apoia e constrói essa jornada juntamente com os que lutam por salário e em defesa da liberdade de expressão e organização dos movimentos contra a repressão de governos, patrões e empreiteiros.

*com CSP – Conlutas

Alimentação

Força Sindical é derrotada em Chapecó

Chapa de oposição apoiada pela CSP-Conlutas vence eleição de importante sindicato operário de Santa Catarina

EMMANUEL DE OLIVEIRA, de São paulo

Os mais de 120 militantes de diversas organizações como CSP-Conlutas, Intersindical, MST, Consulta Popular, CUT e vários sindicatos comemoraram a histórica vitória da chapa 2 sobre a Força Sindical, que dirigia o Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados (Sintracarne) de Chapecó há 22 anos.

A chapa de oposição obteve uma esmagadora maioria de 489 votos contra 216, colocando fim a uma diretoria pelega e atrelada às empresas da região.

Esse sindicato tem uma grande importância em Santa Catarina, pois concentra grandes fábricas como Sadia, Perdigão e Aurora. Um dos donos da Sadia é Luiz Fernando Furlan, ex-ministro do Desenvolvimento do governo Lula.

GOLPE DA PELEGADA

Ao perceber que iria perder as eleições, a diretoria da Força Sindical dividiu a categoria, formando o sindicato das carnes e o sindicato da alimentação, que tem na sua base a empresa Aurora, do mesmo ramo da Sadia.

A base do Sintracarne de Chapecó é formada por três empresas: a Sadia, com cerca de 7 mil trabalhadores, e mais duas empresas, Bondio e Bugio, que somadas têm mais de 1.300 funcionários, totalizando 8.300 trabalhadores na base. Para falar dessa vitória entrevistamos Jenir Pociano de Paula, que encabeçou a chapa de oposição.

QUAL É A IMPORTÂNCIA DA VITÓRIA?

Vamos honrar nosso compromisso e devolver o sindicato aos trabalhadores, para que juntos possamos lutar por salário, melhores condições de trabalho, creches etc.

Essa vitória abre um novo processo em todo o estado, pois demonstramos que é possível enfrentar os pelegos da Força Sindical, ligados às empresas, e derrotá-los.

COMO SERÁ A ATUAÇÃO DA NOVA DIRETORIA?

Vamos atuar de forma honesta, quem vai decidir são os trabalhadores através de assembleias, tudo passará pelas mãos dos trabalhadores.

COMO SE FORMOU A OPOSIÇÃO?

A oposição se formou há três anos. Nos reuníamos na casa dos companheiros nos bairros. As reuniões eram clandestinas porque, se os diretores do sindicato soubessem, nos entregariam para a empresa. Esses três anos foram muito difíceis.

FALE SOBRE A REALIDADE DOS TRABALHADORES DA CATEGORIA.

Nossa vida é muito difícil. Hoje existem companheiros que começam a trabalhar às 2 horas da madrugada para ganhar R$ 610 brutos. Estamos nos matando de trabalhar, por dia são abatidas 210 mil aves nos dois turnos.

Hoje mesmo, quando estava saindo da fábrica, me deparei com uma cena triste, uma mãe amamentando seu filho e o pai esperando para levar o menino para casa, pois a mãe tinha que trabalhar. Aqui você mora junto mas só vê a companheira no final de semana, porque quando um chega do trabalho o outro está saindo para trabalhar. Uma das nossas lutas será pelo direito à creche.

Além disso, temos muitos companheiros mutilados devido ao excesso de trabalho. É muita press[illegible] trabalhadores por parte dos chefes.

VOCÊ FOI OBSERVADOR NO CONGRESSO DA CONLUTAS E NO CONCLAT. QUAL FOI A EXPERIÊNCIA NESTES EVENTOS?

A primeira lição é que, quando os trabalhadores se unem, eles ficam mais fortes. Fiquei muito triste quando uma minoria rompeu. Nossa vitória demonstrou que todos juntos somos mais fortes, e essa unidade foi o que possibilitou a vitória da chapa 2.

REALITY SHOW em que a grande trama é a vida de 33 mineiros soterrados. 5 de agosto de 2010

IRMÃO de um dos mineiros presos, Oscar Illanes, 51 anos, espera sobre a mina desmoronada. 28 de agosto de 2010

Reality show ou tragédia anunciada?

Antes do acidente na mina chilena, trabalhadores já denunciavam as péssimas condições de trabalho

ALEJANDRO ITURBE,
da Liga Internacional dos Trabalhadores

Na primeira semana de agosto, um acidente na mina San José, localizada perto da cidade de Copiapó, região do Atacama, Chile, deixou 33 trabalhadores mineiros debaixo da terra e isolados dentro de um dos túneis da mina. Durante vários dias, não se soube se havia sobreviventes. Mas depois foi possível fazer contato com eles e saber que todos estavam vivos, já que conseguiram atingir um refúgio com oxigênio e com certa quantidade de água e alimentos.

A partir disso, começaram a ser planejadas as tarefas concretas de resgate, que demandariam não menos do que 90 dias, uma vez que é preciso perfurar outro túnel de 688 metros de profundidade, com muito cuidado para evitar o desmoronamento das paredes da mina.

Os trabalhadores recebem alimentos e água através de uma sonda, pela qual também podem se comunicar com o exterior. Ao saber que os mineiros estavam com vida e depois de fazer contato com eles, uma grande alegria tomou conta de seus familiares, amigos e colegas.

CORTINA DE FUMAÇA MEDIÁTICA

Logo após a confirmação de que todos os mineiros estavam vivos, começou um sinistro reality show televisivo sobre a vida dos operários no pequeno lugar onde estão refugiados. Um "espetáculo mediático" que inclui desde notas sobre a vida sentimental de alguns trabalhadores até o assessoramento de especialistas da Nasa (a agência aeroespacial dos Estados Unidos) sobre como organizar a vida de grupos de pessoas que devem conviver por longos períodos em espaços reduzidos.

Um reality show que, além disso, está sendo utilizado como uma cortina de fumaça que tenta ocultar as verdadeiras causas desta terrível situação: a negligência dos empresários donos da mina e a cumplicidade do governo – estas sim, as verdadeiras causas que provocaram a tragédia.

> O espetáculo mediático esconde as verdadeiras causas do acidente: o descuido dos empresários e a cumplicidade do governo

O acidente claramente poderia ter sido evitado. Em julho passado, diante do Ministério de Mineração, o sindicato dos trabalhadores de San José denunciou as as "más condições de trabalho e os contínuos acidentes". Disse ainda que "não existiam as necessárias vias para escapar" e que o refúgio no qual agora estão os trabalhadores não contava com toda infraestrutura necessária.

O sindicato chegou a pedir ao organismo encarregado de definir se a mina podia funcionar ou não que a fechasse provisoriamente, até que estes problemas fossem resolvidos, considerando que muitos deles vinham de vários anos. Mas o ministério não fechou a mina, apenas se limitou a lhe impor uma multa equivalente a menos de 60 mil dólares (pouco mais de 1.800 dólares em média por cada trabalhador cuja vida foi colocada em risco).

COMPANHEIROS de trabalho esperam pelos amigos 31 de agosto de 2010

Após o acidente, hipocritamente, os donos da mina pediram "perdão" através da imprensa. Enquanto isso, o governo do presidente Piñera tentava se eximir de qualquer responsabilidade, denunciando a "responsabilidade da empresa" e dizendo (agora!) que ela seria investigada e castigada".

UMA COMBINAÇÃO LETAL

No caso da mina chilena, por sorte, o acidente não terminou com a morte dos trabalhadores. Mas não ocorre o mesmo em muitos outros lugares do mundo. Um relatório conjunto da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e da OMS (Organização Mundial da Saúde) assinala que, anualmente, são registrados cerca de 270 milhões de acidentes de trabalho que deixam 500 mil mortos. Soma-se a isso 1,7 milhão de trabalhadores afetados por doenças profissionais. O relatório ainda conclui que o número anual de acidentes, de operários feridos e de mortes vem aumentando.

Ao descuido patronal que, para baratear custos e aumentar seus ganhos, deixa de fazer as obras e tomar medidas de segurança necessárias, se juntam a cumplicidade governamental, uma legislação cada vez mais permissiva e jornadas de trabalho cada vez mais extenuantes. É uma combinação letal que provoca não só numerosos acidentes, mas também crescentes doenças trabalhistas. Para aumentar os lucros e diminuir os custos dos empresários, o que se negocia é a vida dos trabalhadores ("a mais barata das ferramentas", segundo um velho dito da patronal). Como diziam os cartazes nas marchas antiglobalização: "o capitalismo mata". Para salvar a vida dos trabalhadores, é preciso eliminar o capitalismo. ■

Os haitianos já não esperam

Em viagem ao Haiti, dirigente do PSTU relata o drama de um país destruído pelo terremoto

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Uma senhora vende batatas em Porto Príncipe. Uma cena comum, se ela não estivesse ocupando a entrada do que foi um grande banco haitiano. Hoje, apenas mais um sobrado destruído.

Volto ao Haiti sete meses depois do terremoto. Estive aqui em dezembro, um mês antes do fatídico 12 de janeiro que devastou a capital do país.

Quase todas as lojas viraram montes de escombros. Uma multidão de camelôs substituiu os comerciantes de antes, nas portas do que foram as lojas.

Ninguém olha mais para os destroços. É como se fossem parte da paisagem.

Aqui morreram centenas de milhares de pessoas. Todos perderam alguém e a dor segue existindo.

UM MÊS QUE NÃO SERÁ ESQUECIDO

O terremoto atingiu a cidade pelo sul, arrasando o centro e os bairros populares nas encostas dos morros. Sessenta por cento das casas caíram ou ficaram condenadas. Dois milhões de pessoas desabrigadas. O povo andava pelas ruas sem saber o que fazer, nem para onde ir. Sem recursos para retirar os feridos dos escombros, sem local seguro de refúgio, sobrava o desespero.

O Estado haitiano desapareceu. Não havia nas ruas nem equipes de resgate, nem soldados. As tropas da Minustah (a missão da ONU liderada pelo Brasil) não ajudaram o povo, apenas se dedicaram a salvar os próprios soldados e alguns hotéis. René Préval, o presidente, também sumiu, provocando um ódio que só aumenta.

A "ajuda" internacional foi na verdade uma ocupação militar disfarçada por um espetáculo de mídia. Enormes contingentes de soldados dos EUA ocuparam mais uma vez o país. A ajuda mesmo foi pequena, quase nenhuma.

Os alimentos que chegaram foram poucos, lançados de caminhões ou distribuídos às pressas com medo de saques e revoltas. Os poucos médicos e equipes de resgate que chegaram trabalhavam desesperadamente, impotentes perante um desastre gigantesco.

Cada um dos poucos resgates se transformava em notícia importante para a mídia mundial. Mas, na verdade, só 150 pessoas foram retiradas dos destroços. Basta ver a dimensão da tragédia, com 250 mil mortos, para sentir o fracasso da "ajuda internacional".

A única reação importante ao terremoto veio do próprio povo haitiano. Muitas vezes com as próprias mãos, retiraram as vítimas que puderam dos destroços. Com uma solidariedade comovente, se auto-organizaram para conseguir comida, ajudar os que mais precisavam e montar os acampamentos. Os jornais de todo o mundo ignoraram esse fato fantástico.

O mês que se seguiu ao terremoto nunca será esquecido pelos haitianos. A tragédia só matou tantos por aqui porque se abateu sobre um país devastado pelo capitalismo selvagem, e pelo fracasso da "ajuda". Depois do espetáculo de mídia, os jornalistas foram embora. Ficaram os soldados.

> Os dias passaram e só 2% do dinheiro prometido chegou. Mesmo assim, a maior parte foi para os "gropowsk", os "bolsos grandes" da corrupção

Os dias passaram e só 2% do dinheiro prometido chegou. Mesmo assim, acabou em boa parte com os "gropowsk", os "bolsos grandes" da corrupção.

Não existe nada de reconstrução até agora. As escolas e hospitais seguem destruídos desde janeiro. As aulas são ministradas embaixo de lonas. Só alguns prédios públicos tiveram os destroços removidos. Todo o restante segue gritando ao mundo que aqui ocorreu uma das maiores catástrofes do século 21.

ACOMODAÇÃO FORÇADA, RESISTÊNCIA REPRIMIDA

Paro em frente ao palácio presidencial destruído. Quando estive aqui em dezembro, por acaso filmei o palácio e a gigantesca praça (Champs de Mars) que o rodeia. Filmo novamente o palácio destruído e o acampamento que ocupa toda a praça, com 30 mil pessoas.

Pelas ruelas do acampamento, um grupo toma banho, aproveitando uma bica logo embaixo da estátua de Toussaint l'Ouverture, que antes dominava, imponente, a praça. Algumas barracas viraram pequenos comércios.

Um milhão e meio de pessoas vivem hoje nos acampamentos da capital. Todas as praças e campos de futebol foram ocupados. Como a ajuda não veio, viraram favelas permanentes.

Movimentos de protesto contra o governo e a Minustah explodiram. O governo e as tropas reprimiram. As barracas dos que participavam das mobilizações foram saqueadas. Três acampamentos foram destruídos.

Até três meses depois do terremoto se distribuíam cartões de comida. Os "políticos" do governo se apoderavam dos cartões, distribuíam uma parte para suas bases nos acampamentos e vendiam o restante.

Conseguiram assim controlar os acampamentos, combinando a repressão e o controle da comida.

Agora já não existem mais os cartões. As pessoas têm de se virar. Outubro é época de furacões no Caribe. Estão previstos três que podem passar pelo Haiti. Os acampamentos podem ser destruídos.

O PLANO CLINTON

A comoção mundial com o terremoto levou a uma ideia de "todos juntos" ajudando o povo haitiano. Nada mais falso.

Existem grandes empresas para as quais a miséria no Haiti garante lucros. Um plano econômico está sendo aplicado no país. Multinacionais já instaladas, como Levis, Gap e Wrangler produzem têxteis para o mercado norte-americano.

A produção aqui tem uma dupla vantagem em relação à da China: salários ainda mais baixos (hoje 125 gourdes por dia, mais ou menos R$ 120 mensais) e uma distância muito menor do mercado dos EUA.

Bill Clinton, ex-presidente dos EUA, é o responsável pela comissão da ONU e o representante de Obama para o Haiti. Dirige a Comissão Interina de Reconstrução do Haiti (CIRH), junto com o primeiro-ministro haitiano. Na verdade, tem mais poder que o presidente ou a Minustah.

O plano Clinton tem dois centros: quarenta zonas francas e a reconstrução de Porto Príncipe. Clinton esteve no Haiti antes do terremoto com 150 empresários. Entre eles 12 brasileiros, inclusive o filho de José Alencar, vice-presidente e dono da Coteminas, a maior fábrica têxtil do Brasil.

Depois do terremoto, o norte-americano declarou que o plano segue de pé. Já existem terrenos destinados à construção das zonas francas, e acaba de ser votada pelo governo uma nova zona, agora em Le Cap.

A reconstrução da capital incluiria o "afastamento" de dois milhões de habitantes dos três milhões que existem

FONTES limitadas de alimentos e necessidades básicas Porto Príncipe, 28/08/2010

A VIDA continua para o 1,5 milhão de pessoas que ainda está vivendo em acampamentos. Porto Príncipe, 18/08/2010

HAITIANO mora no topo do que resta do edifício. Porto Príncipe, 21/08/10

hoje na cidade. Uma parte dessas pessoas voltaria para o interior do país. A outra seria localizada em novos acampamentos ao redor das zonas francas que serão construídas em localidades próximas à capital.

Trata-se da reprodução em escala ampliada do plano de George Soros, que já comprou um terreno ao lado de Citè Soleil (a maior favela de Porto Príncipe) para construir uma zona franca. A lógica é simples: ganhando a miséria que ganham, os operários só podem ir a pé para o trabalho.

Um estudioso haitiano tem feito uma comparação incrível. Ele estudou os gastos que os fazendeiros tinham com os escravos no passado e os que os burgueses têm com os operários no Haiti hoje. Chegou à conclusão de que os escravos custavam mais.

Ainda que de forma brutal, a classe dominante do passado tinha que se responsabilizar pela moradia, alimentação e saúde dos escravos.

Os burgueses de hoje não precisam pagar um salário que garanta a reprodução da mão de obra, porque têm à disposição 80% de desempregados. Não pagam nenhuma das conquistas dos séculos 19 e 20 como férias e décimo-terceiro salário. Não pagam praticamente nenhum imposto ao Estado, que não precisa assegurar água, esgotos, saúde ou educação. Não têm sequer os gastos mínimos dos donos de escravos do passado, em pleno século 21.

Impõe-se um capitalismo no Haiti em condições que se assemelham à barbárie. Podemos chamar o que está sendo feito aqui de capitalismo bárbaro.

Isso está sendo aplicado pelo imperialismo mais "moderno" dos EUA, com as bênçãos da ONU e de governos como de Lula, Evo Morales e Cristina Kirchner. Vem disfarçado pela fábula de "ajudar os pobres haitianos, criando trabalho para eles".

A CRISE ANTES DO TERREMOTO

O Haiti viveu grandes lutas antes do terremoto. Houve um levante espontâneo em abril de 2008 causado pela fome, que chegou aos portões do palácio do governo. Foi detido por uma repressão brutal da Minustah, com oito mortos e quarenta feridos.

Em 2009, houve um forte ascenso estudantil com ocupações de faculdades e atos de rua. Todos fortemente reprimidos também pela Minustah.

O movimento mais importante foi a greve dos operários têxteis no ano passado. Trata-se do setor fundamental do proletariado haitiano, que estava reivindicando um salário de 200 gourdes (R$ 200). Uma mobilização de vários meses terminou com uma greve radicalizada que sacudiu Porto Príncipe por duas semanas, com passeatas de 15 mil operários todos os dias até o parlamento.

A reação foi duríssima. A burguesia fechou as fábricas e deixou os operários sem pagamento, asfixiando a greve. A Minustah deflagrou uma repressão brutal, impedindo qualquer movimento em toda a cidade. Um operário e um estudante morreram e 22 pessoas foram presas. A greve foi derrotada e o salário de 125 gourdes foi imposto.

> Na praça de Pétionville, velhas abriam a marcha brandindo galhos de árvores, um símbolo vodu. Gritavam "Bouch tout moun fann" (todos têm boca para comer)

PARA DESVIAR A ATENÇÃO

O terremoto desarticulou todo o país e também as lutas. Por meses as pessoas se dedicaram a lamentar seus mortos e tentar sobreviver.

Surgiram lutas espontâneas e ocasionais que logo se dispersaram. Mas o povo haitiano não perdoou Préval e a Minustah.

As mobilizações começam a reaparecer, ainda que parciais. Na semana passada, quatrocentos operários têxteis ocuparam a frente do Ministério do Trabalho. A burguesia não está pagando sequer os 125 gourdes, apenas 80.

Os acampamentos decidiram "se levantar" contra as condições precárias. Um deles causou grande impacto. Na praça de Pétionville, velhas abriam a marcha brandindo galhos de árvores, um símbolo vodu. Gritavam "Bouch tout moun fann" (todos têm boca para comer).

A situação está ficando explosiva. O governo quer desviar as atenções para a eleição presidencial de novembro.

Mas as eleições num país ocupado são uma farsa. Não é o governo que dirige o país. Préval é um fantoche, submetido à Minustah e aos EUA, que ocupam o Haiti. Em novembro será eleito um novo boneco.

O povo demonstra enorme desinteresse. As últimas eleições parlamentares tiveram uma participação ridícula de apenas 5% dos haitianos. Como a próxima é presidencial, pode ser que aumente um pouco. Ou pode ser que se force algum fato político para tentar aumentar a participação no pleito.

Wycleff Jean poderia ter sido um fato assim. Aos nove anos, chegou aos EUA com sua família em um bote clandestino, fugido do Haiti. Admirador de Muhammad Ali e Malcom X, transformou-se em cantor de hip hop de enorme sucesso no mercado norte-americano e caribenho. Há três anos, foi nomeado embaixador itinerante do Haiti. Desde então, girou à direita. Defensor do plano Clinton, apoiado por várias das multinacionais têxteis instaladas no Haiti, Wycleff tentou se candidatar à presidência. Houve um enorme rebuliço, com muitos bairros pobres apoiando o cantor.

Mas o conselho eleitoral negou a candidatura. Na verdade, Préval vetou Wycleff com medo de perder as eleições. Aposta neste momento em Jube Célestin, diretor de uma instituição estatal responsável por uma parte da reconstrução do país. Um corrupto, no momento acusado de desvio de 60 milhões dólares doados pela França. Paulo Maluf teria inveja.

A Batay Ouvriyé e outras organizações estão lançando uma campanha justa pelo boicote a essas eleições fraudulentas.

'ABA MINUSTAH'

A relação do povo haitiano com a Minustah (e as tropas brasileiras) mudou muito. Não houve nenhum avanço na implantação de esgoto, no fornecimento de água ou na ampliação dos hospitais desde 2004, quando as tropas chegaram. Os soldados não tiveram nenhum papel relevante no socorro no terremoto.

O papel "humanitário" alegado pelo governo brasileiro é tomado como uma ofensa pelo povo haitiano.

Os soldados estão aqui para garantir o plano econômico das multinacionais. Para defender um governo repudiado pelo povo. Agem como tropas de choque de uma ditadura decadente.

Um haitiano coordenador da luta dos demitidos das estatais me disse: "Preferimos morrer enfrentando os soldados. Lula deve tirar as tropas daqui, ou o Brasil será para nós um país inimigo."

O povo brasileiro nem imagina isso. As tropas são odiadas. Os muros da cidade estão pichados com "Aba Préval" e "Aba Minustah" (Abaixo Préval e Abaixo a Minustah). ■

Vote no socialismo. Vote nos candidatos do PSTU!

DA REDAÇÃO

A pouco menos de 30 dias das eleições, é muito importante disputar a consciência dos trabalhadores e convencê-los a votar em Zé Maria para presidente. O voto em Zé Maria significa a afirmação de um projeto socialista dos trabalhadores, contra os patrões e a manutenção do neoliberalismo, defendido pelo PT e o PSDB.

Devemos também discutir com os trabalhadores a importância de votar em candidatos a deputado federal e estadual comprometidos com a luta. A eleição de deputados e senadores que representem os trabalhadores será muito importante como ponto de apoio para as lutas operárias.

A grande maioria do povo repudia o Congresso Nacional, os principais partidos e os "políticos" do país. Mas o Congresso não é apenas palco de propinas e compra de votos, também é a instituição que faz as leis do país, onde se realizam as grandes negociatas, por meio de lobbies entre parlamentares, grandes bancos, empreiteiras, latifundiários, donos de escolas privadas, donos de emissoras de TV e de jornais, etc.

Esses lobbies financiam as campanhas eleitorais. Em troca, os deputados votam leis contra os trabalhadores e a favor desses senhores. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a aprovação da reforma da Previdência de FHC e Lula em benefício dos patrões. Agora, já se fala em uma nova reforma, que vai aumentar a idade mínima para que os trabalhadores possam se aposentar.

Para garantir a dominação, a democracia burguesa cria a falsa ideia de que o povo decide tudo com o voto, de que basta "eleger outro" para resolver. É o que ouvimos de quase todos os partidos e candidatos nestas eleições.

O problema é que, com as regras da democracia dos ricos, um novo Congresso será eleito com os mesmos picaretas. Além disso, com o financiamento dos empresários, a maioria do "novo" Congresso será de deputados que continuarão fazendo leis contra o povo.

ELEGER DEPUTADOS REVOLUCIONÁRIOS

Para o PSTU, as eleições sevem para divulgar a luta dos trabalhadores. Lançamos candidatos com o objetivo de fortalecer a luta direta das massas e denunciar a democracia dos ricos e os ataques aos direitos trabalhistas. Nossos candidatos são militantes com um histórico de lutas. Suas campanhas estão a serviço da luta contra os ataques aos direitos dos trabalhadores.

As mudanças de que o povo brasileiro necessita não virão pelas eleições, mas com a luta do povo. Por isso, o PSTU não entra no vale-tudo eleitoral, como outros partidos que participam das eleições com o objetivo único de eleger seus candidatos.

Mas acreditamos que é muito importante votar e eleger deputados socialistas. Em primeiro lugar, votar em nossos candidatos significa fortalecer uma estratégia socialista para a transformação da sociedade. A eleição de deputados do PSTU fortaleceria, portanto, uma alternativa de esquerda revolucionária.

Em segundo lugar, a eleição de um deputado revolucionário representa um importante ponto de apoio para a luta dos trabalhadores. Nosso parlamentar vai usar a tribuna para denunciar as falcatruas do regime e divulgar as lutas operárias, greves e ocupações de terra. Seu mandato estará à disposição dessas lutas. Isso significa que o gabinete do deputado do PSTU será o latifúndio ocupado por sem-terra e o centro de apoio a greves, lutas e mobilizações contra o imperialismo e o FMI.

Ocupando a tribuna do Congresso, as denúncias podem ser divulgadas para milhões, ajudando na mobilização e rompendo o enorme bloqueio imposto pela grande imprensa às lutas operárias.

Os deputados do PSTU não terão os privilégios de todos os outros parlamentares. Eles deputados ganharão o mesmo salário que recebiam antes de ser eleitos. Assim, viverão nas mesmas condições sociais de antes.

O voto nos grandes partidos significa o fortalecimento da corrupção e dos ataques aos trabalhadores. Para a classe trabalhadora, o verdadeiro voto útil é aquele que indica o repúdio ao projeto de tucanos e petistas. É o voto que fortalece a construção de uma alternativa para os trabalhadores contra os patrões e os corruptos. O voto útil para a luta dos trabalhadores é o voto em Zé Maria e nos candidatos do PSTU. ■